DISCOLÂNDIA

Excelente
Bom
Médio
Ruim
Péssimo

SONAR

Antonio Carlos Miguel

O novo CD de Caetano

• O tributo que Caetano Veloso fez a Federico Fellini vai finalmente ser lançado em disco pela Universal (a previsão é de que chegue às lojas em outubro). Gravado ao vivo, em novembro de 1997 na cidade italiana de Rimini, traz canções relacionadas ao cinema, incluindo entre outras "Come tu me vuoi" (tema do filme "A doce vida"), "Luna rossa" (canção da trilha de "Noites de Cabíria"), "Let's face the music and dance" (de Irving Berlin, lançada por Fred Astaire), "Coração materno" (Vicente Celestino) e as suas "Trilhos urbanos" e "Giulietta Masina".

• **BLACK SABBATH REEDITADO:** A Abril Music, agora distribuindo no Brasil o catálogo do selo Castle, reedita esta semana os principais discos do grupo de Ozzy Osbourne. No mesmo lote do Black Sabbath também chegam às lojas esta semana reedições de discos básicos do Emerson, Lake & Palmer.

• **ZIGGY MARLEY INSISTE:** Dos muitos filhos de Bob Marley, Ziggy sempre foi o mais talentoso e tem conseguido manter o legado artístico do principal artista do reggae. Acompanhado de seu grupo, The Melody Makers, Ziggy volta com o disco "Spirit of music", lançado esta semana no Brasil pela WEA, produção de Don Was.

• **STING NOVO:** Depois de três anos de silêncio, Sting lança no fim de setembro "Brand new day". O disco conta com participações de Stevie Wonder, James Taylor, Branford Marsalis e do cantor algeriano de rai music Cheb Mami.

E-mail:
antonio@oglobo.com.br

CDs RECOMENDADOS

- **Mi casa, su casa** — Penélope
- **Cara do Brasil** — Celso Viáfora
- **Café Atlântico** — Cesaria Evora
- **The Chemical Brothers** — Surrender

A santíssima trindade homenageia Vinicius com direito ao amém

Magnitude e importância da obra superam caráter conservador do disco

Vivendo Vinicius ao vivo
Baden Powell, Carlos Lyra, Miúcha e Toquinho

■■■■

Hugo Sukman

Tudo bem que, mesmo ainda magnífico e personalíssimo, o violão de Baden Powell não seja o mesmo de anos atrás. Não importa que, à exceção do samba-manifesto carioca "Cartão de visita" injustamente pouco divulgado, Carlos Lyra tenha optado por cantar apenas suas parcerias mais célebres com o poeta, deixando de lado imensa e pouco explorada obra. O mesmo pode-se dizer de Toquinho, que desperdiçou oportunidade de mostrar que de fato não é parceiro menor de Vinicius, e resolveu executar apenas os sucessos. Ou de Miúcha que, representando Tom Jobim, canta até "Garota de Ipanema" e "Eu sei que vou te amar".

Nada disso diminui o brilho de "Vivendo Vinicius ao vivo" (BMG), CD duplo que registra o show idealizado pela filha de Vinicius de Moraes, Luciana, para louvar a obra do pai através de seus mais constantes parceiros, a quem ele chamava de "minha santíssima trindade" (Tom, Carlos Lyra, Baden, por ordem de chegada), sem esquecer do "amém", Toquinho, o grande e subestimado compositor e violonista, que rejuvenesceu o poeta nos anos 70 e com ele construiu inestimável obra.

O retrato é mais de poetinha do que do vanguardista

O Vinicius que sai da maior parte do disco é mais, dado o caráter conservador do projeto, o "poetinha" da classe média, e não o poeta revolucionário que ousou abandonar as letras eruditas em função da música popular, que mudou os conceitos desta, fundou as bases da moderna letra (e dos modernos letristas, Chico e Caetano não existiriam sem ele) de música brasileira.

Este Vinicius vanguardista aflora em momentos do disco/show: na já citada "Cartão de visita" (do musical "Pobre menina rica"), samba bossa nova delicioso de Lyra que louva a poesia contra a ambição; no afro-samba seminal "Berimbau", em que a dupla Baden e Vinicius acrescenta à então dominante gramática bossanovística a batida do candomblé e temas mais crus (como o dinheiro); no sambão elegante "Regra três", do início dos anos 70, época imediatamente pós-tropicalista em que o gênero (como hoje) rumava para o brega, mas Toquinho e Vinicius lhe davam a dignidade da tradição.

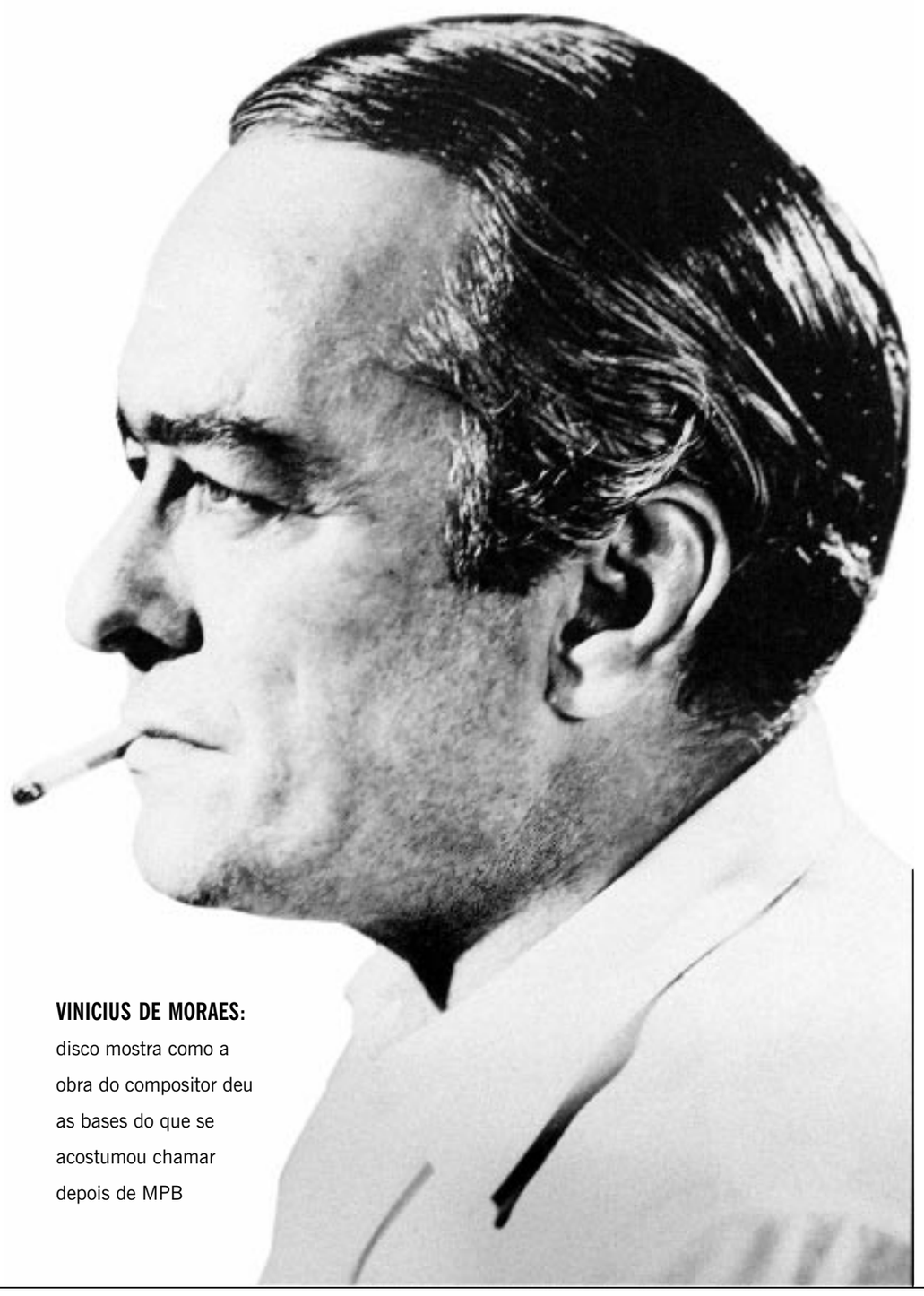
O resto é celebração da melhor música brasileira produzida entre 1956 (data da decana do disco, "Valsa de Eurídice", música de Vinicius para "Orfeu da Conceição" recriada exemplarmente por Baden ao violão) e 1980. A magnitude da obra de Vinicius se sobrepõe a qualquer senão e o disco prova isso através de seu punhado de clássicos inquestionáveis. O que dizer de "O amor em paz", dos melhores exemplos da estirpe de canções de amor de Tom & Vincius, recriada por Miúcha (cantando cada vez melhor) à Elizeth, com o arranjo delicado de Helvius Vilela? Ou de "Formosa", samba de bossa criado para Ciro Monteiro e recriado agora pela voz frágil (mas afinada, de autor) de Baden? Ou do achado que é botar o violão límpido (e com pouco notada noção de improviso) de Toquinho solando melodias bissextas e incrivelmente trabalhadas de Vinicius, "Serenata do adeus" e "Valsinha"? Ou ainda das letras líricas para algumas das melodias mais lindas da bossa nova, "Primavera" e "Minha namorada", de Lyra?

Disco mostra amplitude estética de Vinicius

Peça explicitamente de antologia, os dois CDs mostram também a amplitude estética da obra de Vinicius. Tem marcha-rancho (a anti-golpe de 64 "Marcha da quarta-feira de cinzas"), xaxado ("Pau de arara", de "Pobre menina rica", tocada apenas parcialmente por Lyra), valsa francesa ("Pela luz dos olhos teus"), canções infantis ("A casa", "O pato"), canções de amor e sambas das mais variadas formas, do quase erudito "Samba em prelúdio" ao popular "A tonga da mironga do kabuletê".

Mostra-se através de "Vivendo Vinicius" que pelo menos desde a bossa nova — a qual deu o vocabulário poético que formou o gênero com as harmonias de Tom e o ritmo de João Gilberto — que a música brasileira foi aonde Vinicius indicava. É o seu legado, firmemente escorado na tradição de sambas, valsas e modinhas de antanho mas com os olhos constantemente abertos ao que vai chegar, o que acostumamos chamar de MPB. ■

Arquivo



VINICIUS DE MORAES: disco mostra como a obra do compositor deu as bases do que se acostumou chamar depois de MPB

Diana Krall volta a usar o charme como marketing

Cantora-musa dos anos 90 continua fiel às antigas canções

When I look in your eyes
Diana Krall

■■■■

José Domingos Raffaelli

A badalada Diana Krall, musa entre as cantoras reveladas nos anos 90, transformada em sucesso da noite para o dia por eficiente marketing, está de volta em "When I look in your eyes" (Verve), lançado recentemente nos EUA, e com edição no Brasil programada para setembro pela Universal.

O produtor Tommy Lipuma sabe que tem uma *superstar* nas mãos, dando à atraente cantora e pianista canadense as condições de grande estrela para gravar esta sessão. As 11 fotos de Diana na capa, contracapa e no folheto interno do CD, procuram valorizar sua beleza, comparável com a de uma beldade do cinema.

Não será surpresa se Diana evoluir nos próximos dois ou três discos. Ela ainda não é uma cantora de jazz, como muitos apregoam, mas uma cantora popular de voz agradável, lembrando intérpretes de gerações anteriores. Acompanhada por pequenas formações (incluindo o excelente guitarrista Russell Malone e o baixista Ben Wolfe, ambos do seu ex-trio) e uma orquestra de cordas em sete músicas, cujos arranjos sofisticados de Johnny Mandel refletem um clima de *easy listening music*, o disco também tem algumas pitadas de jazz.

Estilo de canto vai de Julie London a Eartha Kitt

O repertório predominantemente de canções antigas inclui "Let's face the music and dance" (em ritmo de pseudo-bossa nova), a vibrante "East of the sun", "Let's fall in love (com um quinteto imitando o grupo de George Shearing dos anos 50), a música-título (em atmosfera *soft*, na qual Diana literalmente "diz" a letra) e "I can't give you anything but love" (ela soa como uma mistura de Julie London e Eartha Kitt). "Posicle toes", de Michael Franks, é monótona e "The best thing for you" é uma música quadrada de Irving Berlin. Miss Diana Krall tem um belo solo de piano em "I'll string along with you", com poucas mas bem-escolhidas notas, redimindo-se dos solos quadrados de "I got you under my skin" e "Devil may care".

Se não traz novidades, o novo disco de Diana Krall reafirma o charme que tanto agrada sua audiência. ■

CDs MAIS VENDIDOS

1. **Suave veneno (Int.)** Vários (1/8)
2. **Ao vivo** Zeca Pagodinho (5/6)
3. **Farol das estrelas** Soweto (2/23)
4. **Tempo** Leonardo (3/8)
5. **Soul Tim** Tim Maia (6/3)
6. **Só Pra Contrariar** Só Pra Contrariar (4/17)
7. **Millennium** Backstreet Boys (7/2)
8. **Sogno** Andrea Bocelli (RE)
9. **Karametade** Karametade (8/2)
10. **Caminhos** Roberta Miranda (RE)

OBS: O primeiro número entre parênteses indica posição na semana anterior; o segundo há quantas semanas o CD está na parada; o (*), indica estréia, e o (RE), indica volta. Fonte: Nopem

E AINDA...

Além do axé

■■■

A sempre aliciante batida afro-reggae predomina, mas em seu primeiro disco solo, "Ivete Sangalo" (Universal), a cantora revelada na Banda Eva mostra fôlego para mais. Inclusive como compositora, assinando duas boas canções, a sacolejante "Canibal" e a balada "Medo de amar" — esta segunda num dueto com a participação do muito especial convidado Ed Motta. *(A.C.M.)*

Pavoroso

■

"Marc Ribot y los cubanos postizos" (WEA), do guitarrista que estará no Free Jazz deste ano, é um tributo decepcionante ao compositor Arsenio Rodriguez. Os solos de guitarra quase sempre distorcidos e os vocais (?) de Ribot (o recitativo de "La vida es un sueño" é ridículo e o monólogo de "La fiesta en el solar", em castelhano, é lastimável) são pavorosos. *(J.D.R.)*

Boa lembrança

■■■

O musical lembrando Dolores Duran, que estreou em janeiro no CCBB, chega agora em CD, "Dolores" (Unimed Rio). Gravado ao vivo com o elenco — incluindo as cantoras e atrizes Soraya Ravenle, Lenita Ribeiro e Ana Velloso — sonoridade fiel ao período da autora de "A noite do meu bem", o disco confirma a força de suas canções 40 anos depois de sua morte. *(A.C.M.)*

Ecos de uma era

■■■

Rainha da disco music nos anos 70, Donna Summer vive desde então do passado. Neste "Live & more — encore" (Sony), a cantora retoma seus principais sucessos, das dançantes "I feel love", "Last dance" e "Love to love you baby" à boa versão para "Mac Arthur Park". As versões originais são superiores mas o CD duplo funciona como uma antologia da diva dance. *(A.C.M.)*

Não percam

■■■■■

"A música de Chiquinha Gonzaga" (CID), do pianista Leandro Braga, é um dos melhores tributos à lendária pianista-compositora. Um dos nossos maiores expoentes do piano, cuja execução impecável ornamenta 13 músicas da homenageada, Braga dedica-lhe a sua "Minha cara Francisca". Adriano Giffoni, Zero e, em "Lua branca", Leila Pinheiro marcam presença. *(J.D.R.)*

Bossa eterna

■■■■

O volume dois da coletânea "Brazilian horizons" (BMG) mostra o impacto que a bossa nova teve no jazz a partir dos anos 60. Em suas 15 faixas, alternam-se *jazzmen* e músicos brasileiros com carreira no exterior, incuindo preciosidades como Bill Evans tocando "Chora coração" (de Tom e Vinicius) e Mongo Santamaria e João Donato em "Bluchanga" (Donato). *(A.C.M.)*

Ainda curioso

■■■■

O mais talentoso dos irmãos Ramil (aqueles da dupla Kleiton & Kledir), Vitor relança em CD "A paixão de V segundo ele próprio" (selo Satolep). Editado originalmente em 1984, segundo disco do cantor e compositor gaúcho, ganhou gravações adicionais e remixagens. Distante do idioma pop que imperava na época, o trabalho de Vitor continua interessante. *(A.C.M.)*

SEDE
PARQUE GRÁFICO